

FERNANDO FILIZ E SÔNIA POLAKIEWICZ



**Supostamente última  
cópia do diário do escritor  
quando cônsul brasileiro em  
Hamburgo é pesquisada na  
UFMG pelo professor George Otte**

REGIS GONÇALVES  
REDATOR

Bombas aliadas já caíam implacavelmente sobre a Alemanha nazista, nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. Em Hamburgo, uma das cidades mais visadas pela aviação inglesa, o cônsul-adjunto brasileiro tentava cumprir a rotina diplomática em meio a restrições de ordem material e política. Mas nos momentos de folga, às vezes sob o estrondo dos bombardeios, ia também registrando meticolosamente suas impressões sobre os acontecimentos.

Esse diário, escrito entre os anos de 1939 e 1941, se inscreveria apenas como mais um registro, entre tantos, sobre aquele trágico período da história contemporânea, não se chamasse o seu autor João Guimarães Rosa, que nas décadas seguintes iria se consagrar como um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos e um dos autores nacionais mais celebrados mundialmente.

Nos anos posteriores à morte do escritor, o "Diário de Guerra" de Guimarães Rosa experimentaria inúmeras vicissitudes, até desaparecer misteriosamente, sem que se dê notícias atualmente de seu paradeiro. Mas se os originais sumiram de forma inexplicável, dele restou pelo menos uma cópia xerográfica, a última existente, ao que se saiba, de um uma edição limitada a quatro exemplares feita em 1973 sob os auspícios da Xerox do Brasil.

Reunido em volume encadernado, contendo anotações de próprio punho ou datilografadas, desenhos, recortes de jornais e até mapas, o diário está conservado no Acervo de Escritores Mineiros da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O exemplar faz parte de uma coleção pertencente ao acervo da poeta Henriqueta Lisboa e inclui também cópias xerográficas de alguns dos cadernos de campo do escritor, em que Rosa fazia habitualmente anotações sobre os assuntos mais variados, que viria desenvolver posteriormente em seus livros.

Esse rico material, de acesso restrito até agora aos estudiosos, está próximo de vir a público, graças ao trabalho do professor George Otte, da faculdade de Letras da UFMG. Há cerca de um ano, o pesquisador vem se debruçando sobre o "Diário de Guerra" de Guimarães Rosa com o objetivo de analisar seu conteúdo e elucidar, assim, seu significado para a biografia e para a atividade criadora do autor de "Grande Sertão Veredas". A pesquisa culminará com uma edição comentada dos diários.

CONTINUA NA PÁGINA 4

Nota de 17 para 18...  
madrugada - bluma, stange negro, banchu  
Fluxo - si dopo como si o na e o cá  
gestou laço immanente, ante um geipe  
grande dese pulos. Pulos de um geipe  
cuome, n'aquea manea. Certas vezes, o  
seguro de uma guerra a desatiblu-se.  
Certas, como despojos de granu grande,  
de baulceira ao vento.

19-VI-940 - A grama esta cheia, pin-  
tadilha de floresitas alvas, carolinhas raras  
são como minuscúlos margaridus ou  
minuscúlos - chamam-se "Güneblümchen".  
Há outras, também pequeninas, amarelinhas: as  
"Butterblümchen".

19-VI-940 - ~~Butterblümchen~~  
Certas à noite, houve alarás  
do céu, mais ronnolante, estampidos  
longínquos de Flux. Mas houve  
Warning e Entwarning. (11.º alarás)  
Hoje - a 4 lora e 15':  
as sirenes! Warning! (12.º alarás)

Página reproduzida  
do diário de  
Guimarães Rosa  
escrito no período  
de 1939 a 1941